

Por uma Vida sem HIV

CONTRACONDUTA DA AIDS

Desde o surgimento, ou melhor, desde a produção de um discurso através do qual se pôde materializar um certo número de efeitos subjetivantes de ordem tanto simbólica quanto econômica, assistimos anestesiadxs e amordaçadxs a um bombardeio unilateral de “fatos”, narrados por sujeitxs “inquestionavelmente idônexs” do ponto de vista da construção do saber. da construção do saber.

Somos inegavelmente atravessadxs por esses efeitos e técnicas de efetivação de sentido que nos informaram sobre quem somos, sobre como funcionam nossos corpos, qual a melhor forma de utilizá-los e, portanto, colonizando de cima para baixo toda nossa forma de enxergar a

realidade.helvetica;

Essas narrativas científicas são produzidas no interior de um aparato científico-corporativo que engendra o saber ao mesmo tempo que o põe a funcionar para a manutenção de sua própria estrutura material-simbólica. Fomos pegxs de surpresa, por assim dizer, numa época sem internet, época em que os aparelhos midiáticos implacavelmente ditavam a realidade para uma massa tanto ou mais limitada que a de hoje.

Em todo caso, ainda que houvesse uma maior difusão de informação, não existia um corpo resistente a esse efeito virulento e implacável, não tínhamos produzido um anticorpo médico que combatesse a invasão de nossas subjetividades. E apenas recentemente temos assistido aos estudos sociais das ciências, que é de onde partimos em grande parte e, igualmente, da Teoria queer, que nos possibilitou o questionamento profundo dessa identidade-vírus materializada no monstro bicéfalo HIV-Homossexual. Estaríamos, então, nessa

encruzilhada da teoria queer ou para utilizarmos o termo de Jota Mombaça, Teoria Kuir, (já desde uma sudakalândia virótica) e os estudos sociais da ciência, que acabaram por estremecer e ruir a distância entre sujeito e objeto. Não mais o olho destacado da ciência, mas um amontoado de processos de mediação que calaram a voz da natureza. Tudo é dito a partir de um constructo semiótico-técnico, se quisermos seguir Donna Haraway.



Esse anticorpo médico, de quê se trata? De uma crescente corrente médico-dissidente que questiona o estatuto da instituição AIDS, a saber, o vírus HIV. Essa instituição (pois depreende um saber e uma linguagem própria), produziu em seu entorno um complexo político-econômico que lucra trilhões através da localização compulsória dxs sujeitxs, em

especial xs dissidentes do regime heterocapitalista. Mecanismo duplamente insidioso, pois controla e faz viver o corpo social ao mesmo tempo em que gera essa mais valia da carne humana.

Erigimos sob a égide do HIV um movimento político, um complexo identitário que movimenta trilhões em nome do Monstro Frio, uma sigla que coordena, organiza e classifica as ações políticas, normaliza e enquadra os comportamentos dentro do que é aceitável, e, principalmente, mantém ligado ao imaginário cultural a figura da peste e da culpa.

Essa versão tida como transparente e imaculada, eliminou do palco das encenações xs sujeitxs que apontaram as contradições desse estatuto, foram encerradxs nas jaulas das teóricas da conspiração, a solidão perfeita para quem ousa insurgir contra o poder médico. Contudo, ao analisar as críticas lançadas às corporações e governos que se valem do HIV, descobrimos que nem mesmo os ditos “descobridores” se sustentam em seus argumentos, e a pretensão empírica e científica termina se esvaindo em pura arbitrariedade fascista. As provas ditas

materiais são um atestado contra postulados básicos da biologia, como por exemplo a definição de isolamento e purificação de partículas virais. Jamais se isolou quanto menos purificou um vírus chamado HIV, e o que nos é apresentado como animação e computação gráfica é a mais alta forma de ficção científica. Essa minha cabeça só existe porque acreditaram piamente nesse modelo de representação, algo inteiramente encenado e sem validação empírica.

- O que desde já podemos dizer é que a Aids é um agrupamento de sintomas antes associados a outras doenças, um quadro clínico original, de forma alguma uma doença nova.

- Os sintomas que criaram e delimitaram a doença eram efeitos de práticas muito específicas, ligadas ao uso de substâncias psicoativas recreativas. Sem deixar de reconhecer que pode haver uma margem para interpretações policiaiscas a esse respeito, é necessário que se reconheça que doenças como Sarcoma de Kaposi (famosa por dar o nome de Câncer Gay àquele momento) estavam associadas ao uso de poppers, o que permite um

descolamento imediato de um vírus causado

- O AZT é uma droga quimioterápica altamente destrutiva de células saudáveis, de forma alguma um tratamento contra infecções por vírus. Podemos imaginar o efeito nocivo de tal substância em organismos sãos, submetidos a uma intensa utilização da mesma, quanto mais a organismos imunodeprimidos. A prescrição de quimioterapia progressiva é apenas uma forma de tanatotecnologia, é um genocídio puro e simples, quanto mais se considerarmos que sequer possa ser um vírus o responsável por certos quadros sintomatológicos.

- HIV nada mais é do que um tipo de formação discursiva que resgata o mesmo agrupamento de enunciados à respeito dos retrovírus ligados a alguns tipos de câncer, um momento de fracasso tanto epistemológico quanto econômico da indústria do câncer.

- Como já dito anteriormente, as provas apresentadas como mecanismos comprovadores da existência do vírus são arbitrariedades "científicas" e formas grotescas de caracterização empírica, passando por cima de postulados básicos e essenciais da biologia e microbiologia.

- Os testes que possibilitam a localização dxs sujeitxs, de formas cada vez mais traiçoeiras e compulsórias são um verdadeiro engodo científico, aberrações médicas que devem ser questionadas no mais profundo de sua fundamentação, a saber, a detecção de um anticorpo que não passa de uma proteína isolada encontrada abundantemente no corpo humano e de forma alguma uma cadeia proteica específica que pode ser associada a um vírus.

Esse manifesto é, portanto, uma resistência aos discursos do Poder Médico que nos aprisionam e vigiam, desde nossas identidades e de como fazemos sexo às nossas imaginações políticas, amarradas por um vírus muito mais imaginário que concreto. Libertemos nossos corpos desse poder burocrata e fascista e retomemos a relação menos excludente e mais coletiva, pautada no apoio mútuo e na autogestão dos corpos bem como na socialização de saberes que libertem nossas subjetividades do jugo do controle médico.

CONTRA CONDUTAS DA AIDS

Fazendo uso de uma escrita esquizofrênica, nos posicionamos ficticiamente como agência perturbadora/perpetuadora de um saber não legitimado pelo setor hegemônico da ciência médica, provocando as pessoas a questionar e rivalizar as correntes políticas, econômicas, médicas e midiáticas que, debaixo do nosso nariz, instalaram umas das mais eficientes tecnologias de manipulação experiência humana já inventada: a AIDS, ou como preferimos chamá-la: o panóptico do biopoder (biopanóptico).